

BANDA DE MÚSICA: rituais e aprendizagens

BAND OF MUSIC: rituals and learning

Suely Simone Costa Lima¹
João de Deus Vieira Barros²

É através da psyche humana e através dos grupos que se pode dar a metamorfose das ideias em forças sociais.

(R. Bastide)

RESUMO

Neste artigo analisam-se questões referentes a um grupo que compõe uma Banda de Música no nível do instituinte. Identifica-se neste grupo presença de rituais e práticas simbólicas engendradas pela organização espaço-tempo na formação musical. A ênfase para estes rituais será destinada para os ritos de representação simbólica da articulação música e educação.

Palavras-chave: Música. Educação. Cotidiano. Inserção Social. Sujeito.

ABSTRACT

In this article are analyzed referring question to a group that composes a Band of Music in the level of the instituinte. Presence of symbolic practical rituals and produced by the organization is identified in this group space-time in the musical formation. The emphasis for these rituals will be destined for the rites of symbolic representation of the joint music and education.

Keywords: Music. Education. Daily. Social Insertion. Citizen.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão e Professora do Departamento de Psicologia da Universidade CEUMA.

² Pós-Doutor pela Universidade Federal Fluminense. Doutor em Educação pela USP. Professor Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Educação II da Universidade Federal do Maranhão.

Introdução

Novo e questionável. Trata-se assim, o referencial teórico eleito para sustentação teórica deste trabalho, o qual é fruto de uma pesquisa realizada em um grupo de crianças e adolescentes que compõem uma banda de música no município de São Luís, cujo objetivo foi de se enquadrar a pesquisa no âmbito da discussão paradigmática em um aporte epistemológico ampliado – o da complexidade, apontando uma nova área de estudo: a Antropologia das Organizações e da Educação³, que se vem desenvolvendo ao longo dos anos na FEUSP, e, em outras Universidades no Brasil⁴, demarcando espaço acadêmico e colocando em evidência uma série de pesquisas e informações sobre a área. Questionável, por produzir, quando de sua exposição, furor no campo das Ciências Humanas e Sociais. Como destaca Teixeira (1999)

[...] mas, embora se assista hoje a uma expansão dos estudos sobre o imaginário, o seu valor heurístico ainda não é amplamente considerado e aceito no campo das Ciências Humanas e Sociais. Há ainda, muitos críticos do tema que não conseguem ver neles qualquer finalidade útil, pois acreditam que o imaginário não desempenha papel importante na vida social. Esses críticos, presos a uma “mentalidade cientificista”, erguem suas armas, às vezes com furor, na defesa de um purismo de regime científico do pensamento, rejeitando, com veemência, a concepção de uma realidade que não seja objetiva. (TEIXEIRA, 1999, p. 14).

Inicialmente para melhor exposição das ideias se apresentam alguns conceitos que fundamentam a proposição teórica deste artigo, e posteriormente, os rituais identificados com suas devidas articulações. Neste sentido, Paula Carvalho (1991) trabalha a Culturanálise de

³ O estudo e pesquisa sobre cultura e imaginário na FEUSP, tal como vem se desenvolvendo, surgiram entre um grupo de professores do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação desta faculdade, sob a influência do prof. J. C. de Paula Carvalho. Em 1988, propôs uma disciplina para o curso de Pedagogia denominada Antropologia das Organizações e da Educação, inaugurando uma linha de estudos e pesquisas que indicaria o rumo para o estudo das organizações educativas. Posteriormente em 1994 foi criado o Centro de Estudos do Imaginário, Culturanálise de Grupos e educação – CICE – USP.

⁴ No Maranhão, prof. João de Deus Vieira Barros desde 1991 com a dissertação: Paisagem mental e organizacional na formação do “Ethos brasileiro”: alguns aspectos do imaginário em Gilberto Freyre, e os projetos: O banquete imaginário e uma poética do devaneio na educação. Futebol, educação comunitária e formação profissional em espaços alternativos.

Grupo⁵ a partir da Antropologia das Organizações e Educação, como afirma

Desde nosso texto 'Antropologia das Organizações e Educação: um ensaio holonômico' prolongado por 'exercícios culturalanalíticos' e pelas discussões em nossos cursos, viemos progressivamente a considerar a culturalanálise de grupos como a desembocadura de uma antropologia das organizações. (CARVALHO, 1991, p. 80).

É sempre delicado falar-se do imaginário, porque é preciso pontuar sem demora o posicionamento de que se trata, dado o perigo errôneo da sua abordagem. Como esclarece Teixeira (1999) “[...] em nosso caso, trata-se de estudo sobre o imaginário que explore a potência pedagógica da imaginação e não de um imaginário manipulador qualquer”. Comentando sobre essa diferença do uso da imagem e de como ao longo dos anos ela foi subvertida, Durand, (1985 apud Teixeira 1999, p.15), comenta “[...] do século XII ao XX, os meios de informações icônicas eram controlados e, às vezes, produzidos pelas instituições dominantes – Igrejas, Estado, instituições científicas que utilizavam, regulamentavam e codificavam todo tipo de imagem”.

Os estudos, pesquisas e trabalhos desenvolvidos na área revelam com rigor que não há mais como não aceitar o imaginário como simbolizador. Cada vez mais educadores, antropólogos, psicólogos e sociólogos têm demonstrado interesse em conhecer e aplicar a relação entre educação e imaginário.

Na verdade, o que vem acontecendo é a proliferação de uma imagem banalizada, provocada pela expansão em massa da mídia sem controle de informação. Teixeira (1999) enfatiza que a expansão da mídia retira da família e da escola o controle pedagógico sobre a imagem transmitida às crianças e, pela primeira vez na história, um conjunto de inovações tecnológicas atinge “em cheio” pais, escola e o psiquismo infantil. Por isso é preciso também pontuar a imagem, sem demora, como ela mesmo esclarece

⁵ Consiste no mapeamento do imaginário ou das culturas patentes e latentes do grupo, entendendo-se por “mapa” o modo como o grupo constrói a realidade, de que realidade se trata e, portanto, qual e como é a sua presença no mundo. (PAULA CARVALHO, 1991).

[...] se esta é uma ‘civilização de imagem’, como reconhecem atualmente cientistas de diferentes áreas do conhecimento, as imagens que veicula são destituídas de potência pedagógica, porque é efeito da “mentalidade cientificista”, responsável por um duplo iconoclasmo que provoca, de um lado, a rarefação pedagógica dos símbolos em proveito dos signos objetivos e, de outro, a inflação patológica das imagens desorientadas e desprovidas de todo seu valor heurístico e de toda a imaginação criadora. (TEIXEIRA, 1999, p. 15).

A imagem aqui trabalhada é marcada pela complexidade e está voltada para o estudo das organizações educativas, privilegiando-se sua dimensão cultural através das práticas simbólicas⁶. O imaginário e o simbólico hoje representam importante papel na área social e educativa; portanto, é necessário conhecer-se as imagens que estruturam o homem. Nesse paradigma se situa o estudo da Cultura análise de Grupo e, para melhor compreensão de sua proposição teórica, torna-se importante enfatizar-lhe o alicerce paradigmático.

Trata-se de um profundo e complexo quadro epistêmico-paradigmático bastante ramificado, nomeado por Paula Carvalho de paradigma holonômico⁷. Baseia-se numa razão aberta que postula outra lógica, não-binária, que articula totalidade e o *tertium datun*⁸. Em vez de tentar eliminar a incerteza, a ambiguidade, a diferença, trabalha com elas, ao considerar o que é rejeitado como resíduos irracionais ou não racionais; antes de serem desintegrados, interagem e reorganizam o sistema, a partir de uma relação recursiva, complementar, concorrente e antagonista do tetrólogo.

Discorrendo sobre o paradigma holonômico, Porto (1993)

⁶ Paula Carvalho (1990) entende prática simbólica como a cristalização em ação de um universo imaginário numa práxis, através de um sistema sócio-cultural e de suas instituições.

⁷ De acordo com Paula Carvalho (1990), o paradigma holonômico se caracteriza por uma ontologia monista-pluralista, uma epistemologia subjetiva interativa, uma metodologia fenomenológica-analógica, uma causalidade teleonômica – probabilística, uma análise metafísica-estrutural e uma dinâmica nulentrópica-neguentrópica.

⁸ O *tertium datun* nos remete ao conceito de *unitas multiplex* de Edgar Morin (1977), pois este se funda na mesma lógica dialógica, que junta num todo a unidade que exclui e a multiplicidade que inclui. (TEIXEIRA, 2001, p.4)

esclarece que o mesmo permite associar, distinguindo-as, noções como ser, existência e sujeito; descobrir questões relacionadas à complexidade organizacional ignoradas pelo pensamento tecnocrático; afrontar a relação sujeito-objeto, ordem-desordem; enfim: entender como e por que a cultura, enquanto universo das mediações simbólicas, permeia e organiza os grupos sociais.

Por outro lado, Teixeira (2003), nos informa que, a partir desse paradigma holonômico, Paula Carvalho propôs a Antropologia das Organizações e da Educação, voltada para o estudo das organizações educativas com os objetivos. A saber:

- Evidenciar a dimensão simbólica do discurso e da ação organizacional;
- Repensar a organização a partir do estudo das práticas simbólicas e educativas, articuladas ao imaginário sociocultural;
- Encaminhar uma nova praxeologia para a escola;

Investigando o campo da Culturanálise, Paula Carvalho (1988, p. 41) refere, que no campo semântico da “cultura”, E. Morin destaca que existe uma constante oscilação entre uma “*definição totalizadora*” (“*sentido totalizador*”) e uma “*definição residual*” (“*sentido antro-po-sócio-etnográfico*”) e um “*sentido ético-estético*”). Originaram-se então cinco sentidos do termo cultura:

- sentido antropológico: opondo-se à natureza, a cultura abarca o universo daquilo que escapa ao comportamento inato e, frente à regressão do capital genético, a cultura marca o especificamente humano como “*capital simbólico e organizacional*”
- sentido antropológico: cultura é o universo do sentido;
- sentido etnográfico: o cultural se opondo ao tecnológico como domínio do nomotético;
- sentido sociológico: é o residual não assimilável. É o domínio do psico-afetivo, a personalidade, a *sensibilidade*;
- concepção valorativa de cultura, centrada nas “*humanidades*”

clássicas e no gosto artístico literário”, opondo-se ética e de modo elitário, ao “inculto” e ao “popular”;

E. Morin diante desse campo de sentido heteróclito aponta dois métodos capazes de fazer significar essa rede de sentido: reduz a cultura como *estrutura organizacional* e a outra remete a cultura como um *plasma existencial*. O sentido do termo que Morin busca de uma Culturanálise situa-se nessa oscilação constitutiva da noção de sentido. Paula Carvalho (1988) propõe a Culturanálise enquanto instrumento “sócio-antropografico” *de análise da realidade, tomando como referência o conceito de Morin, entendida como “um sistema que faz comunicarem-se – dialetizando – uma experiência e um saber constituído”.*

A cultura seria a própria relação que se estabelece entre esses dois lados, o domínio do imaginário que emerge da práxis social (o plasma existencial) e, do outro, as unidades codificadas portadoras de informação e da organização da práxis social (formas estruturantes). Paula Carvalho (1988, p. 86) refere: “[...] a cultura estaria, portanto, no anel inter-polos. [...]” a cultura é o universo da (s) mediação(ões) simbólica(s). Esses lados são chamados pólos da cultura patente e latente que estruturam a Culturanálise de Grupo enquanto instrumento sócio-diagnóstico, capaz de fazer um mapeamento da realidade e da consciência do grupo.

A cultura patente corresponde ao pólo das formas estruturantes, no qual manifestam-se códigos, formações discursivas, sistemas de ação, o aspecto-lógico, o ideário e as ideias. Segundo Paula Carvalho (1988, p. 86), “[...] pólo técnico das interações, regido, portanto pelos perceptos e pelas funções conscienciais pragmáticas-reflexivas”. Trata-se, portanto, do sistema de metas e meios racionalmente dispostos que atuam como fator de agregação do grupo, traduzindo-se assim sua organização como uma estrutura racional-produtiva.

A cultura latente corresponde ao pólo do plasma existencial ou magma, onde se manifestam as vivências, a afetividade, o afetual, o aspecto residual afetivo/imagético, o imaginário e as fantasmati-

zações. Ainda, segundo, Paula Carvalho (1988, p. 86) “[...] é o nível afetivo, ou afetual, de estruturação do grupo ou pólo fantasmático - imaginal das interações grupais regido, portanto, pelo dispositivo inconsciente em suas caracterizações analíticas e neuropsicológicas, pelas funções conscienciais emanando do onirismo coletivo”. Compreende-se a mediação simbólica como uma interseção entre esses dois pólos. Paula Carvalho aponta para essa articulação os “*transdutores simbólicos ou híbridos*” que, perimentrando o trajeto entre os pólos, podem captar o que ele chama de “*cultura emergente*”. Para a Culturanálise, o que vai importar é o que se manifesta nessa trajetividade. Os híbridos são as ideo-lógicas, as mito-lógicas, as axio-lógicas, e as rito-lógicas de uma cultura emergente. São também encruzilhadas nas quais se engendram o sentido, a ação e a existência do grupo, lembrando sempre sua ancoragem imaginária

Teixeira (1999), comentando Paula Carvalho, em seu texto de 1998, afirma que o mesmo articula a Culturanálise de Grupo a partir de vertentes das elaborações de base de G. Durand, as quais culminam na sua mitodologia (ciência do mito). A saber:

- A arquetipologia geral, que apreende os invariantes do comportamento simbólico, através das estruturas figurativas e dos regimes de imagens.
- A mitocrítica e a mitanálise, que procuram identificar numa obra de arte, num autor, numa época os núcleos mitêmicos.
- A tópica sociocultural, como condição de uma sociologia profunda.
- A “*bacia semântica*”.
- A mitodologia.

Para compreender melhor o caminho para Culturanálise de Grupo, Teixeira (1999) pontua três noções fundamentais para a sua elaboração: *polaridade, trajetividade e cotidianidade oximorônica*. Não é fácil a compreensão desse arcabouço teórico, mas, segundo Teixeira, as estruturas do imaginário comparecem como dois pólos (polaridades) em um sistema dinâmico, organizador de imagens que não se configura de forma absoluta e estática, mas comparece como

um pluralismo constituído por heterogeneidades irreduzíveis.

A cotidianidade comparece como o contraditório, na superfície o patente e, por outro viés, o latente, que se configura como a camada profunda arquetipológica. Paula Carvalho (1991) toma o conceito de cultura de E. Morin e de imaginário de G. Durand, fundamentando-os como os pilares teóricos da Culturanálise. Esses autores tentam realizar a sutura epistemológica entre Natureza e Cultura por meio da função simbólica que tem caráter mediador, imaginário para G. Durand e esfera noológica para E. Morin.

A Culturanálise representa um mapeamento duplo da “paisagem cultural.” De um lado (pólo) mapeando a cultura patente, a partir de uma visão fenomenológica; e de outro pólo, mapeando a cultura latente, a partir de uma visão analítica. Deste duplo mapeamento escava-se a matriz imaginária do grupo.

Contextualizando essa pesquisa no paradigma holonômico, tem no pólo das formas estruturantes – patente: a Escola de Música (onde a Banda de Música está inserida) enquanto instituição com normas e regras; o sistema de operacionalização e funcionamento, entre outros, analisados a partir do processo fenomenológico-descritivo. E no outro pólo – latente: as vivências e representações do grupo (enquanto banda de Música): afetividade; imaginário; rito e mitos, investigados através de atividades selecionadas com o propósito de capturar aspectos do imaginário.

Devido à complexidade dessa estrutura paradigmática, principalmente por essa relação arquetipológica entre as vertentes latente e patente, para a investigação da trajetividade se faz necessária uma série de heurísticas, algumas das quais, criadas pela própria necessidade de investigação.

Importante consideração realizada por Teixeira (1999) diz respeito aos limites da metodologia sobre a Culturanálise de Grupo. Sua investigação pela própria singularidade do trabalho vai além de uma ‘metodologia’ de pesquisa, pois a captura do real muita das vezes não pode ser apreendida de forma direta. É preciso apreciar nas entrelinhas a cotidianidade do grupo para capturar-

lhe as manifestações fantasmáticas. Teixeira refere: lançar um olhar oximorônico⁹. Em nosso, caso a Banda de Música e a cultura que nela se desenvolve procurando investigar os fios com os quais é tecida a trama de sentidos e significados que sustentam a sua multiforme e complexa realidade.

O estudo das manifestações do simbólico no dia a dia da banda pode revelar a complexidade e heterogeneidade das relações intersubjetivas que caracterizam o grupo social não somente pelo lado da estrutura burocrática como também pelo imaginário social enquanto imagem plural e ambivalente do grupo. Acredita-se que a Educação ultrapassa a mera ação de instruir e ensinar. Assim sendo, aposto em uma outra proposta educacional, baseada numa concepção fática, que considera a Educação como um conjunto de práticas sócio-educativas. Nosso interesse por essa abordagem de pesquisa se refere ao fato de acreditar-se nos resultados da Culturanálise de Grupo e, também, por a maioria dos trabalhos sobre Educação e Ensino estar mais voltada para os aspectos estruturais e/ou curriculares, que revelam e explicam apenas um lado da Educação, da realidade da escola, aquele que M. Maffesoli¹⁰ denomina *lado iluminado*¹¹, deixando à mercê o lado de sombras¹² – o cotidiano dos grupos nas pequenas manifestações do imaginário grupal, que não é percebido de forma direta, entretanto, quando revelado, denota fundamental compreensão do seu lado social e educacional.

Direciona-se nosso olhar para a Banda de Música. Acredita-se que a música comparece às crianças e aos adolescentes não somente como meio de aprendizagem da técnica do manuseio do instrumento musical, mas, sobretudo, como vínculo de composição do grupo com uma permanência diária em função de uma capacitação

⁹ Olhar oximorônico: o qual lida com a aparência e a profundidade. Não é essência simplesmente.

¹¹ Lado iluminado (do social), termo utilizado por M. Maffesoli para dizer da realidade social.

¹² Lado sombra (cotidiano do grupo) termo usado por M. Maffesoli para analisar as manifestações do imaginário grupal que passa despercebido nos macro-sistemas de interpretação.

musical. Também, em função de uma outra ordem que se vai chamar aqui de ‘encantamento’, ordem que perpassa a obrigatoriedade da sistematização do ensino e que faz teatralizar a intersubjetividade de cada um.

É possível que a Educação na Banda de Música apresente elementos educacionais para além dos ministrados no sistema curricular do ensino musical. Esses elementos seriam: o imaginário em relação à música, ao grupo, à própria escola, à cultura apreendida através da formação do próprio grupo, os ritos e mitos gerados pelo cotidiano. Esta série de fatores nos conduz a pensar que eles possam agenciar o grupo, assumindo importante papel no processo educacional das crianças e dos adolescentes. Ademais, nesse contexto tanto a música quanto a formação dos grupos pode tornar-se agente de implantação de atitudes, crenças e valores, gerando uma forma de organização social e educacional. Entretanto, é evidente que esse tipo de estudo envolve uma complexidade e uma heterogeneidade de relações intersubjetivas não fáceis de serem capturadas, daí a necessidade de serem utilizadas heurísticas para levantamento de diagnósticos.

2 A Banda de Música: rituais e aprendizagens

O conceito de ritual é amplo, diversificado em vários teóricos e em várias abordagens: sociológicas, psicológicas e antropológicas. São introduzidas aqui algumas concepções. McLaren (1992, apud CHAVES, 2000) afirma

[...] o ritual tem sido tratado ao longo dos anos como um tema (Eliade), como sistema simbólico (Geertz), gramática gestual (Birdwhistell), metalinguagem (Bateson), articulação (Delattre), tipo de lógica (Cassirer), estrutura profunda (Leach), comportamento padronizado (Goody), código restrito (Brnstein), necessidade humana primordial (Jung), estágio de desenvolvimento (Erickson), papel (Gofman), compulsão (Freud), processo (Turner), mecanismo para se entender a realidade (Ricoeur). (MCLAREN, 1992 apud CHAVES, 2000, p. 161).

A Banda de Música, na época se constituía de 145 alunos. Durante um ano conviveu-se com eles revezando-se nos turnos matutino e vespertino, participando do seu cotidiano escolar, acompanhando suas atividades teóricas e práticas, e observando as formações de grupo e subgrupo.

No primeiro contato um ritual chamou atenção, talvez pela própria natureza da realização do ato, que no dado momento era direcionada para a pessoa da pesquisadora. Foi a primeira vez que se teve contato com a Banda de Música, quando acompanhada pela diretora da escola seria apresentada ao grupo como pesquisadora que passaria um determinado tempo com eles. Ao entrar no salão de música onde eles estudavam pararam de tocar e, imediatamente, se levantaram e começaram a cantar. Surpresa! Esperava-se ouvi-los tocar, mas não cantar. Foi a primeira vez que se ouviu o “Hino dos Visitantes”. Depois se observou que se tratava de um ritual destinado a receber todos os visitantes que, por ventura, adentrassem a sala de aula. Eles sempre cantam e, às vezes, acompanham com os instrumentos antes de tocar. Nomeiam Hino dos Visitantes¹³. Usa-se aqui uma citação de Mesquita (1993, apud SOUZA, 2000) para enfatizar a importância do ritual

[...] para analisar estas práticas estamos nos valendo do conceito de rito como uma cerimônia, na qual as maneiras de agir, as fórmulas, os gestos e os símbolos empregados são tidos como possuidores de virtudes ou poderes que lhes são inerentes e susceptíveis de produzir efeitos ou resultados determinados. (MESQUITA, 1993 apud SOUZA, 2000, p. 174).

De acordo com Mesquita, os termos cerimônia, liturgia

¹³ Hino dos Visitantes
Visitantes, sejam bem vindos!
A escola de música do Convento das Mercês
A Banda de Música do Bom Menino
Deseja paz e alegria a vocês
Meu coração transborda de paz e alegria
Porque sua visita nos traz muita harmonia (bis)
Com alegria agradecemos
Sua presença a nossa escola
Nos despedimos com alegria
Sua visita ficará na nossa história.

e rito remetem para a ideia de série de atos solenes, repetitivos e codificados, de ordem verbal, gestual e postural, com forte carga simbólica. No ritual de saudação aos visitantes, quando se canta se cumprimenta, se honra a visita. É a maneira de eles receberem, com gestos de levantar e cantar olhando para o visitante. Os símbolos: a letra, *“meu coração transborda de paz e alegria porque sua visita nos traz muita harmonia”*, é como se eles estivessem recebendo em casa¹⁴. O que deve ser evidenciado é o ‘ato de receber’, um receber de porta aberta, com a comunidade, com outros projetos, com outras escolas, pois não tem burocracia para realizar a visita¹⁵. Caracteriza uma tradição cultural numa simbiose de música, cultura popular e aprendizagem.

Outro ritual identificado foi o dos “três sacramentos”¹⁶ mistura música, educação e crença. A maneira como se desenvolve essa articulação proporciona um deslocamento de lugar da banda do seu referencial de formação musical para formação religiosa, com uma interação de participação com a comunidade católica. Além do ritual dos três sacramentos existe também, nessa relação com a comunidade, o ritual das procissões religiosas, além da participação em missa de Nossa Senhora das Mercês, missa natalina e a cerimônia da coroação de Maria, efetivando o rito religioso da igreja católica. Entretanto, esse ritual não é colocado como imposição, pois participam da banda alunos de outras formações religiosas que não a católica.

Constata-se no ritual dos três sacramentos um entre-lugar da banda, ao mesmo tempo em que é formação musical é também formação religiosa, como uma interseção de ciclos de espaço-tempo que se organizam na temporalidade da formação profissional em música. Os gestos e símbolos impregnados nessa ritualística são

¹⁴ No resultado do questionário complementar de pesquisa (informação colhida no trabalho dissertativo) foi bastante evidenciada a relação de lugar que os alunos estabelecem entre o espaço ambiental onde a banda está sediada e que eles passam em meio turno do dia e a sua casa.

¹⁵ É interessante porque no Maranhão ainda se cultiva visitar o outro sem combinar-se de antemão. Como se a casa estivesse sempre aberta! O dito popular: Oh de casa cheguei!

¹⁶ Batismo, Primeira Eucaristia e Crisma – rituais católicos muito presente nas famílias maranhenses.

inúmeros. Entre eles vale destacar: o cortejo das procissões, a música que acompanha a letra do canto religioso, a benção do batismo, da crisma, da primeira comunhão, a madrinha e padrinho do batismo, da crisma e da primeira comunhão, a vela da primeira comunhão, as promessas religiosas, entre outros, todos com valores simbólicos de profunda significação para a história de vida de cada um deles. Somente essa ritualística daria para elaborar um trabalho à parte.

Acredita-se que, em função dos símbolos e das imagens oriundas desse ritual, a crença em Deus é muito presente no grupo. Consultando JUNG (1969, p. 247-252) sobre o simbolismo da transformação na missa, ele discute e compara as interpretações psicológicas e religiosas da missa romana. O ponto de vista da Igreja é de que a consciência humana, representada pelo sacerdote e pela congregação, é confrontada na missa com uma força autônoma que a transcende e transforma. Jung vê o ponto de vista psicológico da missa como uma autotransformação simbólica do psiquismo através de uma atuação dos impulsos inconscientes no nível consciente, como algo complementar mais do que contraditório ao dogma cristão. Os investimentos pulsionais direcionados para a religião, na teoria de Jung são chamados sublimação. Esta como energia psíquica retirada da pulsão sexual e investida em valores religiosos. Diz-se nesse caso que a energia foi sublimada.

Outro ritual identificado é a “ordem unida” ou ritual sagrado, como bem evidenciou a pedagoga. Trata-se de um ritual que reúne todos os alunos da banda, que, juntos, em marcha, se deslocam para o pátio para realizar o ato cívico de hasteamento da bandeira nacional, do estado do Maranhão e da Escola de Música.

É um ritual que mistura gestos e símbolos musicais com gestos e símbolos de natureza cívico-patriótica: uniforme, fila, marcha, desfile, tropas, canto, e hinos de valor simbólico destinado às bandeiras. Esses símbolos e gestos produzem, ao longo da repetição real desse ritual, a ocorrência de um dinamismo imaginário, cujo conteúdo idealizador ‘sonho’ ou ‘desejo’ se (re)investe em ‘ir’ para as Forças Armadas¹⁶. Imaginário que aflora, a princípio, timidamente,

¹⁶ Resultado encontrado em pesquisa neste trabalho dissertativo. Alguns alunos manifestaram

mas na repetição do cotidiano desse ritual se fortalece e se torna oficial com função socializante. Isto é, a imagem simbolizada a partir do ritual da “ordem unida” se racionaliza no ‘desejo de ser’, de participar efetivamente das Forças Armadas. Interpreta-se que a ordem unida para a Banda de Música se materializa para alguns de seus integrantes como um imaginário de um mito de herói. Refere Durand (1997)

[...] Nessa perspectiva, o imaginário não é um simples conjunto de imagens que vagueiam livremente na memória e na imaginação. Ele é uma rede de imagens na qual o sentido é dado na relação entre elas; as imagens organizam-se de acordo com uma certa lógica, uma certa estruturação, de modo que a configuração mítica do nosso imaginário depende da forma como arrumamos nele nossas fantasias. É dessa configuração que decorre o nosso poder de melhorar o mundo, recriando-o, cotidianamente, pois o imaginário é o denominador fundamental de todas as criações do pensamento humano. (DURAND, 1997).

O ritual da ordem unida se apresenta a princípio como uma imagem simbólica que, no seu investimento pulsional, se organiza de ideais racionais. São desejos traçados a partir de uma imagem presente em um rito. Essa imagem, conforme esclarece Durand (1997), “[...] depende da forma como arrumamos nossa fantasia”. Para cada aluno da banda a organização simbólica dessa imagem depende de como cada um organiza sua fantasia, seu desejo. Portanto, não é uma imagem que se perde: pelo contrário, pode operar com certa lógica. O interessante para ser colocado aqui é a presença da imagem no social que pode ser materializada como “desejo” (pulsões subjetivas - objetivas) de ser no futuro integrante de uma Banda de Música das Forças Armadas¹⁷.

Mais um ritual identificado são as apresentações públicas da Banda, cerimônia tradicional, na trajetória da formação dos alunos, reflete o brilho e o *glamour* que, os tornam socialmente

“sonho” de participar de uma banda das Forças Armadas.

¹⁷ A Orquestra Sinfônica Brasileira também está inserida no imaginário dos alunos e dos instrutores. O alvo é sempre maior (arquétipo de ápice).

valorizados. O tempo de apresentação é mítico. Inicia-se com o ritual. Primeiro receber o uniforme para usar na apresentação, vestir o uniforme, receber o instrumento, entrar no transporte coletivo que os conduzem ao local de apresentação; apresentar-se (como o arquétipo de ápice) e se concretiza com os aplausos. O espaço da apresentação é diferente do local das aulas instrumentais. Os símbolos se fazem representar pelo uniforme (existe um uniforme para cada tipo e/ou local de apresentação), instrumento musical, música e aplausos. Os gestos, tocar o instrumento, levantar e agradecer suavemente com a cabeça. Os símbolos, segundo Durand (1997), constituem trajetos antropológicos:

[...] a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjectivas e assimiladoras e as intimações objectivas que emanam do meio cósmico e social [e] ... o trajeto antropológico pode indistintamente partir da cultura ou do natural psicológico, uma vez que o essencial da representação e do símbolo está contido entre esses dois marcos reversíveis. (DURAND, 1997, p. 41).

Durand enfatiza que o trajeto antropológico pode indistintamente partir da cultura ou do natural psicológico, uma vez que o essencial da representação e do símbolo está contido entre esses dois termos reversíveis. No caso dos símbolos presentes nesse ritual, os mesmos estão presentes na cultura e por sua vez se fazem representar na psique.

Desses rituais destacados o instrutor participa apenas no que se refere às apresentações públicas, embora como ex-aluno da escola tenha provavelmente participado outrora dos outros. Para o instrutor, esse ritual é o reconhecimento de uma trajetória de aprendizado musical e de história de vida também, como eles dizem. De costa para o público e de frente para os alunos, o lugar - marca a transposição (de aluno para instrutor), os gestos são teatralizados pelos braços que acompanham a música, desta vez é ele quem direciona o caminho, esperando os aplausos como reconhecimento de sua trajetória.

A análise dos rituais presente na Banda de Música requer,

inicialmente, a análise do aprendizado da música como ritual diário de atualização do sagrado da banda, como espaço-tempo da musicalização. O estudo dos ritos e das rito-lógicas sociais dos grupos, segundo Paula Carvalho (1991). É de extrema importância, por um lado, porque são

[...] espacialização temporalizada dos espaços mentais e como os espaços mentais se organizam como configurações culturais e como essas organizam o real, assim também os ritos são operadores de organização do espaço-tempo dos grupos. (CARVALHO, 1991, p. 110).

Por outro lado os ritos referem-se às mediações simbólicas sob a forma pré-verbal, pré-reflexiva, em suma, a corporeidade como experiencição espacial primeira, que também organizam o real e o espaço-tempo dos grupos.

A ritualística da banda, com seus ritos de tempo e de espaço faz comparecer a significação simbólica da musicalização na vida social da banda, demarcando uma temporalidade registrada em horas, dias, semanas, meses, semestres, anos na conquista dos certificados de cor verde, azul e amarelo¹⁸. Entretanto, para isso precisam construir um repertório de conhecimentos e técnicas musicais socialmente considerados para a habilitação de músico.

Ao longo dessa temporalidade de formação musical repete-se a rotina da vida na banda. O grupo cria e recria no cotidiano elemento de referência de tempo e de espaço comum para a existência social da banda, a exemplo de ir diariamente para os ensaios da banda, voltar para casa, fazer apresentações em espaços públicos, receber uniformes para apresentação, devolver o uniforme; praticar a ordem unida, cantar para os visitantes, receber e entregar diariamente os instrumentos musicais, cuidar dos instrumentos, realizar os três sacramentos, fim de semana, férias, retorno, feriado. Enfim: essa série ou esse ciclo se repete até que se feche com a chegada do certificado amarelo, o que outorga os integrantes da banda como músicos praticantes.

Os símbolos presentes nos ritos realizados ao longo dessa

¹⁸ Os graus de formação musical são representados por certificados de cores diferentes.

trajetória constituem trajetos antropológicos conferindo-lhes 'sentido'. Este é tão presente que foi muito facilmente evidenciado na pesquisa, tanto na dinâmica do espaço de vida de Kurt Lewin¹⁹ como no Banquete Imaginário²⁰. A ênfase maior desse 'sentido' foi o afetual, grupo-instrumento-música. Por outro lado, é importante enfatizar que a ritualística muita das vezes constrói identidades, pois os ritos são os olhos que direcionam a identidade, embora neste trabalho não se pretenda aprofundar nesse tema, fica aqui colocado apenas o conhecimento sobre esse assunto. Fica o aprofundamento sobre esse tema para outra oportunidade.

Retornando-se aos ritos organizadores do espaço tempo do grupo que compõe a Banda de Música, os ritos se fazem representar como um imaginário de um mito de herói, como numa trajetória de combates em ciclos. Os fios que envolvem esse emaranhado se fazem simbolizar desde crenças e ideais religiosos (os três sacramentos), valores cívicos (a ordem unida) a conhecimentos técnicos musicais (aprendizado da música) para enfrentar em combate os monstros encantados, grupos opostos que tentam interditar os ideais. E mais: no trajeto desse combate vencer é preciso. Driblar as dificuldades para chegar à banda²¹, pois a demanda para participar da banda é maior do que a oferta, adquirir conhecimento e acompanhar com sincronia a aula instrumental, estudar com rigor, ser aprovado nos exames de qualificação, ter frequência diária, entre outras determinações, vencendo as barreiras que possam surgir nesse ciclo que se repete até a formação musical. Nessa trajetória, a aula teórica e instrumental comparece como um ritual de unidade didática de conhecimento; os exames de qualificação como ritual da prova sobre o conhecimento e a formação em música, como ritual de sacração do herói.

¹⁹ Heurística utilizada na pesquisa de campo do trabalho dissertativo. Alunos e instrutores demarcaram geograficamente o campo significativo em seu espaço de vida com o sentido simbólico para a música (banda/grupo).

²⁰ Heurística utilizada na pesquisa de campo do trabalho dissertativo. Alunos e instrutores produziram imagens (desenhos) e escreveram sobre o significado (sentido).

²¹ Isto foi comprovado no fato da dinâmica do Banquete imaginário ter sido num dia em que aconteceu na cidade uma greve de transportes coletivos e que eles tiveram de vencer os empecilhos para chegar à escola e participar do banquete, que para eles representava imagem de ascensão.

A ideia de colocar um certificado de cada cor (primeiro - verde, segundo - azul e terceiro - amarelo, caracterizando os períodos de formação) foi do próprio criador do projeto. No devir tornou-se simbólico para cada aluno, pois a passagem do grau de formação sobre a Teoria Musical com o reconhecimento de receber os certificados simboliza demarcações de lugares e de passos representando os ritos de passagem, como também a vitória nas batalhas que se sucedem na trajetória da formação musical. Simboliza, ainda, interditar, vencer o monstro, isto é, abrir possibilidades de socializar-se. Por outro lado, os títulos conquistados nas apresentações públicas na sua materialidade simbólica testemunham o caminhar em direção ao certificado amarelo e a vitória sobre o monstro: da rua, do desemprego, da baixa auto-estima, do não reconhecimento, da falta de oportunidade, do não saber, entre outros. Talvez por isso a palavra “vencer” foi bastante encontrada na dinâmica do Banquete Imaginário²².

A banda oferece para alguns alunos que se destacam, a oportunidade de se tornarem futuros instrutores. Essa possibilidade de transposição de aluno para instrutor produz no grupo uma imagem enquanto sonho de ‘ser’ instrutor da sua escola de formação²³. Esse sonho produz no aluno um tipo de comportamento disciplinar para o alcance desse objetivo que se investe e reveste em ser presente; avaliado acima da média, ter sincronia instrumental; apresentar bom currículo, entre outros. O atravessar desse imaginário é de ser no futuro possivelmente contratado pela escola.

Alguns alunos, oriundos de família de pais com dificuldades de impor lei no desenvolvimento deles, ao entrar para a banda deparam-se com várias interdições. Encontram um lugar de regras, como obedecer à fila, esperar, cuidar do uniforme, receber e entregar o instrumento musical cedido diariamente para as atividades

²² O Banquete imaginário produziu uma imagem que foi projetada no desenho e posteriormente transcrita com palavras como: vencer, conquistar, ganhar, conseguir. Os desenhos mostram coroa (ser coroado) medalhas (vencedor) entre outros. Imagens de ascensão, um arquétipo de ápice.

²³ Dado informativo também encontrado no questionário complementar de pesquisa.

práticas, cumprir horário; respeitar o colega, usar o banheiro, receber e entregar os uniformes de apresentações, cantar hinos, participar da ordem unida, entre outros. Essas interdições produzem no grupo uma reorganização que vou chamar aqui psíquica-cultural possível de ser introjetada pela representação real que lhes possibilita um (re)apreender social a partir do movimento de vivência em grupo. Identificação semelhante ao trabalho de pesquisa do Amapraia de Barros (2003)

Constatei, ainda de forma preliminar, a existência e viabilidade de uma educação paralela e alternativa, sobretudo do “sujeito coletivo” e “para a paz”, como se vê em Silva (1995) – à margem dos sistemas educacionais formais, bem como a possibilidade de qualificação profissional, tendo como esteio esses saberes e competências oriundos da própria existência e de um processo educativo que subsiste à margem da escola oficial – baseado na cultura e nas tradições. (BARROS, 2003, p. 89).

Essas regras e ritos mencionados anteriormente demonstram as representações e símbolos implicados na organização tempo-espço e pedagógica da Banda de Música que constrói a socialidade do grupo. A nosso olhar, não há como dissociar o apreender da técnica musical dos ritos e da socialização. É a referência que se faz por um lado o instituído com as normas e regras e, por outro, o instituinte com as vivências e representações. As vivências são socialmente e culturalmente simbolizadas conforme referido pelos ritos. Por outro lado, considera-se que esses rituais desempenham diversas funções, entre elas permitem a consolidação de uma educação não formal e uma configuração de cultura escolar própria. Portanto, não aparecem dissociados: relacionam-se entre si, inserindo um ritmo cíclico da própria formação musical, constituindo dentro de uma temporalidade. Entretanto, esses rituais presentes na Banda de Música só são possíveis de serem acompanhados se o observador permanecer por um período no cotidiano do grupo. Para aqueles que apenas assistem às apresentações públicas ou visitam uma vez a banda, não têm eles ideia da presença dos ritos vivenciados pelo grupo.

3 Considerações finais

O que se gostaria de deixar como reflexão é a possibilidade de a música comparecer como uma prática simbólica educativa e organizadora da socialidade do grupo onde o social pode ser (re)significado a partir da abertura de espaço para a dimensão simbólica, integrando a razão à imaginação. Como uma mudança de sensibilidades. Segundo Durand (1998 apud TEIXEIRA 2001, p. 10) “[...] as sociedades oferecem diferentes ambivalências formadoras do simbolismo adulto. Nelas é possível identificar três níveis importantes no processo de simbolização da criança: o psicofisiológico, o natural e o pedagógico”.

Nesse caso aponta-se o pedagógico, compreendendo que a Educação está em todo lugar, que é uma prática social e também um fenômeno, um fenômeno da cultura. Como prática da cultura, envolve ritual carregado de símbolos de conteúdos antropológicos. Esses rituais denotam o *lado sombra* na medida, em que refletem uma outra abordagem de prática educativa. A função dos ritos consolida um modelo de escola que se estabelece com uma cultura própria e permanece até os dias atuais. Observou-se ainda, uma dimensão política na medida em que reforça a memória nacional construindo uma identidade, reforça ainda os valores culturais tradicionais e religiosos.

Referências

BARROS, João de Deus Vieira. Futebol, educação comunitária e formação profissional em espaços alternativos. **Educação e Emancipação**, São Luís, v. 2, n.1, p. 87-111, jan./jun. 2003.

CHAVES, Iduina Mont’ Alverne. Rituais numa escola de formação de professores: praticas simbólicas organizadoras do espaço-tempo dos grupos. In: _____. **Tessituras do imaginário: cultura e educação**. Cuiabá: Edunic/CICE/FEUSP, 2000. p. 159 – 172.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução** a arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **O simbolismo da transformação:** a psicologia da missa - observações gerais sobre o sacrifício. 2. ed. v. 11, 1969. p. 247-252.

PAULA CARVALHO, José Carlos de. **Antropologia das organizações e educação:** um ensaio holonômico. 1988. 287 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação de São Paulo, São Paulo, 1988.

_____. **Culturanálise de grupo:** posições teóricas e heurísticas em educação e ação cultural. Ensaio de titulação. São Paulo: FEUSP, 1991.

_____. **Escola rural:** cultura e imaginário. 1993. 194 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

SOUZA, Rosa Fátima de. Rituais escolares: liturgia cívica e glorificação da memória (aproximações históricas) In: **Tessituras do Imaginário:** cultura e educação. Cuiabá. Edunic/CICE/FEUP. 2000. p. 173-183.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. A dinâmica do imaginário e a trajetividade de cultura: ressignificando o social. In: CONFERÊNCIA DO IMAGINÁRIO E DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER. 2001. **Anais...** LIRES/UGF, 2001. p.1-13.

_____. Contribuição da culturanálise de grupos para o estudo das culturas escolares. In: SEMINÁRIO SOBRE CULTURA ESCOLAR, 1., 2003, Araraquara. **Anais...** Araraquara, 2003. p. 1-17.

_____. Imaginário e cultura: a organização do real. In: **Imaginário, Cultura e Educação.** São Paulo: Editora Plêiade. 1999. p.13-27.